

*Gênese Criativa*

Mario Rodolpho Sanjuan Barbosa

2015

*Um prazer por mim antes nunca descoberto*

*Uma prática que era ignorada*

*Um vício desejado*

*Escrever me fez descobrir outro lado.”*

## *Sumário*

Escuro.....	1
Conspiração.....	3
Perdoe-me .....	6
Eclipse .....	9
Ping .....	12
Seringa .....	15
O cemitério .....	19
Molar.....	20
Pequenos Contos .....	22

## *Escuro*

Foram apenas alguns segundos e já não mais sabia o que devia fazer. Um brilho intenso tornou a noite um ensolarado dia de verão. Certo tempo depois um ensurdecedor som de rocha a se desintegrar. Uma aura azul crescia e percorria pela cidade como uma grande bolha de sabão na ponta de um canudo. Quanto mais crescia, mais engolia vorazmente cada pedaço de concreto pelo qual passava. E por onde passava, permanecia a escuridão.

Circuitos elétricos foram fritos em questão de minutos, a escuridão total se alastrando como sombra da bolha. Então vieram os gritos. Não conseguia identificar de onde vinham, apenas que se aproximavam e se intensificavam. Surgiu um som diferente, como uma voz de comando numa língua nunca antes escutada por mim. Na sequência, escuto o marchar de uma tropa. Continuava sem entender nada, no entanto, sabia: não estávamos sozinhos.

Estático em frente à janela, ainda tentando compreender o que se passava. Começo a sair do estado onírico que me envolvia, para então perceber que Jane estava aos prantos, no sofá ao lado, em posição fetal.

-Temos que sair daqui, AGORA!

Puxei minha esposa pelos braços, me sentia carregando uma boneca de pano excessivamente pesada, ela não respondia, não se manifestava, apenas chorava.

Com um baque surdo escuto a porta da frente do prédio ser derrubada, a segurança outrora esperada pela região central da cidade, ao lado do posto policial se esvaiu como vapor de água saindo de uma panela de pressão, minhas pernas ficaram trêmulas, cai de joelhos derrubando Jane junto comigo, a queda pareceu servir melhor do que minhas infundadas tentativas de fazê-la voltar a si, finalmente ela retribuiu meu olhar e perguntou o que deveríamos fazer.

Um tilintar metálico se somava a passos secos e ritmados na escada, o segundo andar já havia sido tomado.

- Devemos subir, você está bem?

- Acho que sim, o pé dói um pouco, mas consigo andar.

- Levante-se, temos de correr. – eu disse enquanto abria a porta e espiava no corredor, não conseguia ver nada, o temor se intensificava com o linguajar desconhecido e o breu instaurado.

Sáímos pela porta do apartamento a passos rápidos no carpete azulado, de mãos dadas puxava-a com vigor. Um vulto em meio a escuridão surgiu e rangidos metálicos foram seguidos de um disparo, do tipo de disparo que nunca tinha ouvido em nenhum dos 7 anos de serviço militar, sinto minha mão ser puxada para trás e escuto minha esposa cair no chão, sem vida.

Colocado de barriga contra a parede por mais pares de mãos que pude contar sinto o frio papel de parede roçando minhas bochechas, um tipo de algemas com som magnético me fora colocado, o idioma desconhecido me agoniava, então uma pancada na cabeça me atordoa, me viram de frente e me olham de perto, a recíproca também vale, sinto a adrenalina se dissipando pelas minhas pernas enquanto começo a entender o que se passa, nunca acreditei que abduções existissem, muito menos que não fossem feitas por luzes advindas de objetos voadores. Uma nova pancada. Apago.

## Conspiração

Login: johnsmith@nasa.usa

Senha: \*\*\*\*\*

Acessando Sistema...

Aguarde...

- Já passou da hora deste sistema ser atualizado.

O duro estofado da cadeira roxa, de rodinhas, em que estava sentado já incomodava.

O computador ainda ia se conectar e logar no servidor. Maldita conexão discada.

Levanto da cadeira e viro em direção a porta, no trajeto tenho de desviar de um pogobol que estava largado no chão, não fazia ideia de como aquilo havia ido parar ali. Na porta um feixe de luz vindo da janela evidenciava um pôster onde se via Buzz e Woody em posição de combate.

Já no corredor, caminho pelo chão feito de tacos de madeira. Eles faziam um barulho engraçado a cada passo, a casa estava imunda. Na cozinha a geladeira azul com puxador prateado ansiava pela minha chegada, na mais perfeita gordisse abro-a e pego uma garrafa de Coca-Cola de vidro, tão gelada que escorregava pelas mãos. A ressaca da final da Copa do Mundo de 94 ainda prevalecia.

Volto pro quarto. Passando a porta, pego um Walkman MD de cima da escrivaninha. Na prateleira, corro rapidamente os olhos pelos MD's, apenas reflexo, pois já sei o que vou ouvir, ainda não havia tempo suficiente para enjoar do álbum Division Bell, e tenho dúvidas se viveria tempo suficiente para isso.

De volta ao computador, finalmente logado fecho a porta. O feriado havia sugado todo o meu ser, voltar a catalogar relatórios se mostrava cada vez mais tedioso, mesmo que feito em casa.

Uma janela pop-up abre, surge uma caixa de diálogo.

- Quero um relatório detalhado do arquivo em anexo para amanhã de manhã.

Não pude identificar de quem era, a janela sumiu, alguém do andar de cima está com a corda no pescoço e precisa jogar a bomba na mão de alguém, no caso, eu.

O download do anexo é razoavelmente rápido, mas por precaução faço uma cópia num disquete. Abro o arquivo e noto algumas incoerências, faço relatórios financeiros, o arquivo estampado na minha tela era sobre autorização de programas.

Diante de algo realmente excitante em comparação com o trabalho que deveria realmente fazer, me prontifico a ler o tal arquivo.

Lá pelo quinto parágrafo a coisa começa a fluir e começo a entender do que se trata, NASA estava iniciando um projeto de colonização para os próximos 30 anos, o furor trazido pela Guerra Fria com a corrida espacial ainda permanecia, assim como os calafrios da tal disputa que pra mim não havia sido nada fria.

Foi então que o texto começou a me dar arrepios.

Aquele artigo era classificação 1, necessitava de autorização do próprio Bill Clinton para funcionar, eu não deveria ter acesso a ele.

A curiosidade pisoteava o medo a cada linha decodificada pelo meu cérebro. Sistemas de propulsão com destino extra-solares necessitavam de autorização para serem testados. Os planetas extra-solares recém descobertos, já estavam perfeitamente mapeados. Três anos na NASA e cada vez mais percebia que não saber de nada.

Já nas ultimas linhas, depois de compreender o projeto, um susto. Já estava assinado.

Não podia acreditar que lia aquilo, a Copa havia servido de distração pra não perceberem os interesses em exo-planetras, por que esconderiam isso? Mas a assinatura não era do presidente, não o americano.

Boris Yeltsin, o presidente russo.

Era do presidente russo a assinatura no projeto, desde quando a NASA sofria influência?

A Rússia estava usando a NASA para realizar projetos com financiamento norte-americano. Ainda digerindo a informação e até onde poderia levar, um som sai do computador.

Nova mensagem. LOGIN ENCERRADO – USUÁRIO INEXISTENTE.

Me desligaram da NASA, pneus cantam do lado de fora da casa, olho por entre a persiana azul que fechava parte da janela, militares.

Aperto fundo o botão do disquete e este literalmente pula para minha mão.

Um estrondo na porta se seguiu de um segundo som de metal batendo.

Derrubaram a porta.

Me ajoelho no chão e faço força no taco, retiro ele e coloco o disquete, volto o taco, coloco o pogobol em cima, me levanto.

A porta do quarto abre e dois soldados rapidamente me jogam no chão, o pogobol amortece meu estômago e rola pro outro canto do quarto. O taco levemente mais alto arranhava minha barriga, mas isso me deixa em certo estado de satisfação, ninguém viu. Me algemam. Reviram o quarto, ninguém diz nada.

Um jovem mais magro entra e começa a desconectar todos os cabos do CPU e o leva.

Soldados me encaminham até um Jipe verde musgo, sem capota, dois soldados se sentam ao meu lado, o Jipe arranca, minha casa se afasta.

Preciso recuperar o disquete.

## *Perdoe-me*

-Perdoe-me, Padre, pois eu pequei.

-O perdão é divino, me faço apenas instrumento do trabalho de Deus. Vamos lá filho o que houve?

-Sinto dor, me falta ar, meus pensamentos já não funcionam como antes.

-Agarra-te ao Pai, ele irá acalmar o teu coração e sanar a tua dor.

-Mas a culpa é dele, Padre.

-Não uses o santo nome em vão. Ele escreve certo por linhas tortuosas.

-Fui usado, acreditei no amor dela, e no amor do pai. Só me trouxe dor.

-A atitude do homem não devem ser tomadas como ação divina.

-Padre, ela frequenta a casa dos pastores, não uma casa como a tua.

-Deus é um só, e abraça teus filhos de forma única e igualitária.

-Deus disse a ela que não sou bom o suficiente.

-Acredites apenas na palavra das escrituras, falsos profetas caminham entre nós e deturpam o caminho de Cristo.

-Obrigado, Padre, sei o que fazer.

-Pense sempre no caminho do Pai. Não vejo razões para penitencia, nem pecado.

-...

-Filho?

-...

-Ainda está aí?

\*\*\*

-Perdoe-me, Padre, pois eu pequei.

-O bom filho sempre à casa retorna.

-Não sei se sou bom filho, Padre.

-Estás aqui não? Aqueles que não tem fé jamais estariam aqui como tu.

-Tenho fé, mas isso não faz de mim um homem bom.

-Por que não crês ser um bom homem?

-O quinto mandamento, Padre...

-O que você fez meu filho????????

-Ela usava o santo nome em vão, dizia falar com Deus e falava em nome dele, não pude permitir isso, você me disse que falsos profetas caminham entre nós, agora não mais.

-Filho, cometestes o pecado em nome de Deus, isso te coloca no mesmo patamar dos falsos profetas.

-Não, Padre, você me disse para pensar no caminho do Pai. Deus disse a Abraão para sacrificar o filho em nome da fé. Ardeu em chamas Sodoma e Gomorra por práticas imorais. Nossa conversa me iluminou, faço de mim instrumento de trabalho divino. Causarei a extirpação dos falsos profetas.

-Filho, estás incitando o ódio, suas palavras, fazem lágrimas a Deus.

-Ainda me achas um bom homem?

-Acho que tens salvação.

-E tu, Padre, tens?

-Ham... É... Porque não teria?

-Você é como eu, uma caneta nas mãos de Deus, escrevendo a história do mundo, riscando a heresia, e compondo as linhas da doutrina divina.

-Filho, estás usando o santo nome em vão.

-Deus mandou o dilúvio, matou milhares e reiniciou a jornada terrestre. Agora me usa apenas para retirar as laranjas podres do cesto.

-Por que acreditas nisso?

-Você me mostrou o caminho, Padre, suas palavras me guiaram pra luz. Me tirastes o desprazer e agonia provocado pelos falsos profetas.

-Achas correto cometer pecados em nomes de Deus?

-Ele irá me perdoar.

-Mas ainda crês não ser um homem bom, no fundo sabes que é errado, e por isso viestes até mim.

-Padre, não importa o que eu sei. O que importa é que o caminho me foi mostrado. E gostei dele....

-Gostou?

-Nunca me senti tão vivo, tão certo de minha conduta.

-Por que te julgas um mal homem se crês tão veemente nisso?

-Por que há males que vem para bem.

-Filho...

-Padre, me ensinastes o caminho do bem, perdoe-me, mas eu vou pecar.



*Edward Hopper – City Sunlight*

Minhas sapatilhas me apertam os pés. Doem. Não mais que meus joelhos, ainda posso notar a vermelhidão.

-Bom dia, seu Bruno!!

O homem com bigodes de leão-marinho apenas acenou com a cabeça de dentro da padaria. O horário de domingo pela manhã era sempre o pior. E, passando mais duas casas finalmente estava em casa.

Mal abro a porta e sinto o cheiro de mofo. O terremoto já havia passado há três semanas. Rachaduras no teto me lembravam todos os dias. A umidade retida pelas rachaduras perpetuavam o fétido odor da casa. As dificuldades financeiras eram ainda mais mal cheirosas que a casa. Permaneceria assim. Deus há de prover.

Caminho até o rádio no canto da sala, ao ligá-lo, uma música já familiar. O solo vocal de Clare Torry seguidos pelo piano de Richard Wright. *“The Great Gig In The Sky”* sempre me atraía, desde seu lançamento em 1973. Já com o peso da mochila da vida nas costas, ainda era capaz de ser tocada por aquela música. Indescritível.

Me sento na cadeira, a claridade batendo sobre a mesa. Arrasto um pouco mais a cadeira e deixo a luz me lavar o rosto. Já nem sinto mais o cheiro de mofo.

Escuto um assovio baixo e bem longe. Do lado de fora. O canto do chá.

Minhas bochechas já aquecidas, a brisa suave pela janela. Meus doloridos pés já não tocam o chão.

De olhos fechados, sentindo as maravilhas do Criador. Uma sombra.

Uma sombra bloqueia a luz sobre minhas pálpebras. Como uma bola eclipsando o sol ao ser jogada para cima.

O assovio parece mais próximo. Abro os olhos.

Havia outro ponto no céu além do sol. Um ponto escuro

O assovio parecia se intensificar à medida que o tal ponto se aproximava. Pareciam pedras, uma grande massa rochosa em altíssima velocidade. Meteoro.

Meus pés dançam a música da gravidade, pesados tocam o chão. Aquela pedra enorme vindo em direção a minha casa.

O assovio já se misturava ao estrondo do deslocamento de ar. Havia também um som magnético, ou elétrico, não consigo definir, ou sequer entender.

A esfera cada vez mais próxima, mais pessoas saem às janelas.

O assovio agudiza. Some. O meteoro para.

Era maior que minha casa, pairava sobre um pequeno lago, a superfície tremulando. Ainda possui um misto de som elétrico com magnético. A parte elétrica cessa.

No instante que o som desaparece as rochas se separam, o que antes parecia uma massa única se revela uma casca. Pedras caem causando enormes esguichos.

O que sobra é magnífico.

Uma estrutura esferoide totalmente espelhada é revelada, da minha janela vejo um grande flare de luz do sol refletida sobre ela.

Surge uma rachadura.

A rachadura não parecia acidental, começou a desenhar sobre o enorme espelho. Num estalido, se parte, uma figura humana desce dela, para sobre a superfície da água.

Fecho os olhos, estendo meu corpo à unção.

Ping...

Acabara de acordar. A visão ainda embaçada. Uma dor de cabeça inigualável.

As pernas, não conseguia sentir as pernas.

Ping...

Francisco Assis, ainda era possível ler o nome no crachá deliberadamente sujo de sangue pendurado no pescoço do rapaz. Estava sentado em uma cadeira, com as pernas abertas, sem calças.

Ping...

Do encosto da cadeira subia uma haste metálica, e nela um cinto prendia Francisco pela testa, quase tão apertado quanto seus braços aos braços da cadeira.

Os olhos percorriam vorazmente a sala em que se encontrava, não via nada, as paredes enegrecidas pela falta de cuidado. Não conseguia distinguir qual era realmente sua cor, não havia janelas ou luz.

Ping...

Um arfar metálico pode ser ouvido nas suas costas, e então um feixe de luz adentrou a sala. Uma porta havia sido aberta

O feixe de luz revelou o tom amarronzado na parede, quatro sombras foram projetadas, aparentemente quatro mulheres.

Ping...

A porta foi fechada e o breu preencheu o local novamente.

-Elisângela Silva, você se lembra?

Ping...

Gotículas de suor se formaram na têmpora de Francisco, escorreu levemente pela pele, passando na região do trágus, ângulo da mandíbula e finalmente pescoço. Engoliu seco

-Raquel Mota, adorei suas pernas Fran.

Ping...

Podia sentir o cheiro de perfume que vinha de trás da cadeira. O ar passava com dificuldade pelas narinas. O perfume sufocava.

-Selma Queiroz, que delícia hein.

Ping...

-Patricia Marinho, e este é o último nome que ouvirás.

Calmamente as mulheres se colocaram a frente de Francisco. Não sabia qual nome pertencia a qual mulher, mas ver seus rostos agora lhe perturbava ainda mais. Francisco as conhecera, e já imaginava o que estava por vir.

Ping...

As gotas que percorriam a pele não mais se limitavam ao suor. Lágrimas pesadas percorriam as já pálidas bochechas.

Todas as mulheres usavam luvas de procedimento, mas apenas uma trajava um jaleco, tão branco que doía os olhos em meio a tanta escuridão. No braço esquerdo se lia anestesista.

Ping...

-O que vocês vão fazer comigo, vagabundas?

-Fazer? Já está feito. – disse uma delas, que sorria deliciosamente.

-O que vocês fizeram???????

Ping...

-Sente as pernas?

-Não... Me deixem ver...

-Vai voltar a sentir

Ping...

-Ainda tenho pernas?

-Pernas sim...

-Como assim “pernas sim”, suas vacas filhas da puta, me tirem dessa merda.

Ping...

O grupo se moveu, veio para trás de Francisco. A respiração dele descompassada. Os poucos músculos que conseguia mover estavam contraídos.

A fivela do cinto preso a sua cabeça começou a afrouxar.

Ping...

O cinto foi retirado. Francisco se conteve, não tinha coragem de olhar.

Seu queixo vibrava a cada centímetro abaixado. Os joelhos já entravam no seu campo de visão, normais.

O campo foi se abrindo, e Francisco podia ver as próprias coxas, também normais, se não fosse a cicatriz de infância na perna esquerda, pular um portão de lança não havia sido boa ideia.

Ping...

Seu olhar se aproxima, e já vê a virilha, só a virilha. Entre suas pernas uma bacia de metal cheia de sangue.

Olha fixamente e descrente do que via.

-Agora você não vai mais sentir – disse uma das mulheres

Ping...

*“...All of these words whispered in my ear Tell a story that I cannot bear to hear...”*, compassada com a batida que fazia cada decibel vibrar pelas paredes cor de salmão, já notadamente gastas pelo excesso de produtos de limpeza, motivavam Mary a continuar a faxina da semana.

Estava sozinha em casa, a solidão ritmada nas batidas de Adele tornavam mais suportáveis a ideia de novamente limpar a casa. A música e um comprimido de rivotril. A sala e a cozinha já havia terminado, faltava o pior, o quarto de Anne.

A suíte de Anne exibia longas cortinas bordô, uma escrivaninha repleta de livros, em sua maioria de temática vampiresca, um notebook semiaberto, já dando sinais de um descaso com o carregador. Mary recolhia tudo que havia largado pela cama, um lenço caramelo, uma boina violeta já um tanto desgastada, uma saia preta rodada, um shorts propositalmente rasgado.

-Quatro metros, Meu Deus, o que custa a Anne andar simples quatro metros até o cesto de roupas?

Quando ia colocar as roupas no cesto do banheiro, Mary corre os olhos pelo ambiente e os deixa parar no lixo. Em meio a bolos de papel algo brilhoso. Uma seringa.

A temperatura do ambiente pareceu cair drasticamente, até mais rápido do que as roupas que segurava. O vaso serviu para dar equilíbrio a mãe. Mary se viu presa dentro dos azulejos frios. Um turbilhão de imagens dos mais recentes dias com a filha lhe percorreram a mente. O que poderia significar aquilo? Tentou se lembrar de quando também tinha dezessete anos, e de como era sua mentalidade na época. Drogas, só podiam ser drogas.

O tilintar metálico de chaves na porta da frente fez Mary recuperar o fôlego. Levantou-se e ergueu as roupas do chão, lenço, boina, gravata, shorts e saia, jogou-os no cesto e saiu.

-Ma! Chegamos, você nem acredita no transito que nos prendeu, está me ouvindo?

Mary aparece na sala ainda levemente aturdida.

-Sim, te ouvi, tudo bem An....?

-Oi mãe...

Anne passou de cabeça baixa e logo se dirigiu ao quarto. Não olhara nos olhos da mãe.

Abraçou-se fortemente a Henry, uma lágrima deixava um rastro salgado na bochecha esquerda de Mary.

-Precisamos conversar sobre Anne.

O marido arregalou os olhos e engoliu seco. Assentiu com a cabeça.

Anne era fruto do casamento anterior de Mary, o casamento atual tinha apenas dois anos, Henry a conhecera com quatorze anos, um pouco tarde para fazer parte de sua infância, mas o suficiente para ter sentimentos por ela.

O casal passara algumas horas discutindo a presença da seringa no banheiro de Anne, Henry concordara em tentar conversar com ela, Mary estava abalada demais para tocar no assunto com a filha.

\*\*\*

Na manhã seguinte Mary não saiu da cama, suas forças pareciam ter sido drenadas. Henry chamava Anne calmamente para leva-la ao colégio e ir trabalhar.

No caminho os dois conversavam normalmente, Anne parecia mais à vontade com o padrasto do que com a mãe.

-Sua mãe veio conversar comigo sobre você, está preocupada e com uma série de suspeitas.

-Sim, percebi os olhares dela para mim.

-Nós devemos nos preocupar?

-Não!

-Tem certeza?

-Sim tenho, não quero falar sobre minha mãe com você tudo bem?

-Ela está com medo, e isso me preocupa, pessoas com medo fazem coisas estúpidas.

-Não pense nisso Henry, ela sempre foi paranoica, tendo razão ou não. Você deve se preocupar com a aula de inglês hoje, ainda vai me levar não?

-Claro, te pego no horário de sempre.

\*\*\*

O pensamento de Anne estar usando drogas consumia sua mãe, chegando ao ponto de extinguir a privacidade da filha.

Redes sociais nunca foram do interesse de Mary, mas agora não via outra alternativa senão entrar neste mundo para sanar suas suspeitas, e o notebook da filha era a ferramenta que lhe faltava. O notebook e outra dose de rivotril.

Sentou-se na escrivaninha, afastou as cortinas do quarto e abriu a janela, uma lufada de ar fresco lhe percorreu a face, ventos de mudança, sentiu esperança de se descobrir errada e haver outra explicação para a seringa.

Conectou o notebook na tomada e começou a investigação, o Facebook estava com a senha salva, Anne era preguiçosa demais para fechar o login, e também não detinha motivos para tal, o computador não saía de casa e sua individualidade era respeitada.

Mary se aproveitou da vantagem e começou a abrir as conversas, numa delas um perfil com foto de cachorro lhe perguntava sobre quando ela voltaria as aulas de inglês.

Correu até a sala e pegou telefone e agenda.

-Red Idiomias, Boa tarde! Em que posso ajudar?

-Meu nome é Mary Tudor, gostaria de apenas confirmar o horário de aula da minha filha, Anne Brit.

-Um momento... Anne cancelou a matrícula já a dois meses.

Desligou o telefone sem dizer mais nada.

A seringa já era preocupante, e agora sabendo que Anne cancelara aulas, suas suspeitas se confirmaram, Anne se ocultava.

Voltou ao banheiro da filha, ainda não tinha retirado o lixo, e agora iria revirá-lo. Virou o cesto de cabeça para baixo, a seringa caiu, papéis caíram, e então um papel se diferenciava dos outros. Não era papel higiênico, era uma bula.

Mesigyna – Solução injetável.

Anne não tinha namorado, não até onde Mary sabia. A mãe sequer sabia que sua filha havia deixado de ser virgem. Era a única explicação para

o uso de anticoncepcional injetável. Saber disso causava certo alívio, pelo menos não eram drogas.

Voltou ao computador da filha, queria saber quem a havia deflorado, abriu a janela de conversas e clicou no nome da melhor amiga da filha, e se apoderando do perfil da mesma jogou a isca:

- Clara, ele terminou comigo...

A espera por uma resposta parecia cada vez mais longa, agora já não muito preocupada com drogas, mas ainda assim apreensiva sobre quem seria o parceiro da filha.

A resposta veio, e junto com ela o tapa na cara.

-O Henry terminou com você? Já era de se esperar né, eu avisei que isso não daria certo, olhe pelo lado bom, pelo menos sua mãe não descobriu.

Mary não acreditava naquilo que lia, não poderia ser, seu marido, e sua filha, era impossível.

Ainda sentada na escrivaninha Mary olha para o banheiro, o lixo ainda no chão e o cesto de roupas ainda cheio. Dentre as últimas peças sobre o cesto, uma agora lhe chamava atenção, se aproximou do cesto e viu, uma gravata, uma gravata de Henry.

A peça havia lhe passado despercebida depois do susto com a seringa, Mary sentia o peso de sua casa sobre o peito, um ardor a inundava e o ar parecia denso como óleo, o choro vem, cai ajoelhada no chão, pega a seringa, faz aspiração e a enche de ar.

Henry e Anne chegam em casa, ambos visivelmente cansados, na testa dele se viam gotículas de suor se formando.

-Ma? Chegamos.

Nenhuma resposta foi ouvida.

Anne vai até seu quarto

-Ma? Onde você está?

Anne volta até Henry, olha em seus olhos azuis, o abraça.

-Estamos sós, minha mãe não vai mais nos atrapalhar.

## O cemitério

A plenitude banha o silêncio –  
Ossos refletem o lugar.

O céu, um túmulo,  
Espiaava escuro e envelhecido  
O sistema digestivo apodrecendo as covas.

As flores murcham sobre o marfim,  
Árvores se misturam às lápides,  
Cinzas.

Na cruz mais alta,  
Gatos e corvos disputam espaço.

Pelos cadáveres,  
Os urubus oram.  
Pelas frestas da terra, vermes corcoveiam.

Há costelas expostas nas cinzas do fim do dia.

Minha amada, triste, jazia  
No topo da colina próxima  
Deitando da boca fumaça cósmica,  
Adormecida.

Texto coletivo: Carmina Silotto Vives Renones, Carolina Alves Pacheco, Corina Tuyama Gerassi, Hillary da Silva Cardoso, João Rodrigues Peralta, José Augusto Gomide marta e Silva, Luiz Carlos João Filho, Mario Rodolpho Sanjuan Barbosa, Nicolás Rossi Haverroth, Robert Willecke, Victor Toth Uehara, Bruna Ramos Pavesi e Emilie Vollmann.

O capuz me envolvia  
De uma cor sanguínea  
Textura fúngica  
Eu residia anquilosado  
Winter classificava  
No vizinho escorava  
Segundinho reclamava  
Primeiro aguentava  
Segundo pré nem ligava  
Picada  
Um ardor  
Incomodava  
Pulsava  
Nada

Abracei  
Me ajeitei  
Segurei  
Pendulei  
Vestibular forcei  
Doutor chamou  
Alavanca entrou  
Cortical apoiou  
Coroa levantou  
Rodou  
Girou  
Pulou

Sai

Nasci.

## Pequenos Contos

### *Micro contos*

- ❖ Quando acordou, a ferida ainda estava lá.
- ❖ Pegou o copo d' água, bebeu o vinho, disse que era filho de Deus.
- ❖ Deslizou a faca pela artéria. Olhou para o relógio, ainda dava tempo.
- ❖ Abriu o papel. Esticou. Recheou. Enrolou. Queimou.
- ❖ Entrou. Pegou fogo. Acelerou. Chocou. Despedaçou. Buraco.
- ❖ Olhou. Amou. Ignorou. Perdeu.
- ❖ Atirou três vezes, grunhido de dor só houve um. As balas acabaram.

### *Tsutomu Yamaguchi*

Objetos esquecidos

Um retorno que impede o Ceifeiro

A luz escorria pelos vidros

O fungo consumia o seu entorno